



Artur Condé
Presidente do Colégio
de Especialidade de ORL
da Ordem dos Médicos

Página do Colégio da Especialidade de ORL da Ordem dos Médicos

Colégio da especialidade e seu papel na dinamização do internato

Consenso?

Mais uma notícia bombástica correu na comunicação social, com honras de “prime time” televisivo, visando médicos Otorrinolaringologistas Portugueses. E para apimentar a questão, não faltaram os condimentos habituais. Doentes, médicos, corrupção, misturados com mentira e dinheiros, que pelo meio, amalgamam a notícia sensacionalista, dando-lhe o corpo pretendido, e o recheio que avidamente o espectador consome, libertando os seus mais primitivos sentimentos.

Refiro-me ao programa televisivo, cujo tema apresentado, visou o problema dos implantes cocleares. As questões que estão associadas a este tema, passam muito além da análise primária, ética e cientificamente muito pobre, que nesse programa foi exposta, e que certamente, teve interesses pouco claros.

A análise e os argumentos convenientes, que vimos cada interveniente expressar, nunca se dirigiram a uma apreciação global do problema, enquadrando as suas várias vertentes. Procuraram antes, salvaguardar a sua posição, com argumentos que pela sua fragilidade, tornaram essa apreciação, no mínimo, muito pouco sólida. E quando qualquer tema é assim tratado, o que fica para o ouvinte, é uma impressão pouco definida, muito confusa e portanto susceptível de todas as interpretações.

Misturam-se interesses, expõem-se desgraças para despertar sentimentos, e com um pouco de ciência á mistura, tenta-se credibilizar o trabalho, para atingir alguém, que no meio desta turbulência se torna um alvo fácil.

A questão central deste problema, reside no tão propalado consenso sobre a implantação coclear bilateral.

Todos sabemos quão recente é este consenso, e também adivinhamos, quais os interesses que lhe estão subjacentes.

De uma forma muito conveniente, mas também e ao mesmo tempo bastante simplista, ouvimos nesse programa, teorizar sobre a audição humana, que sendo binaural, obrigaria sempre à implantação bilateral dos doentes necessitados, pois só assim conseguiríamos tratar de forma adequada as crianças com surdez severa, restituindo-lhe a capacidade auditiva.

Nesta meia verdade “lapaliciana”, está subjacente um conceito de serviço de saúde ideal que estendido a outras áreas, obrigaria a tratar cirurgicamente todos os doentes oncológicos com tempo de espera inferior a 30 dias, consultas na hora, serviços de urgência com atendimento em todas as especialidades e em todas as regiões do País etc. etc. etc... Cenário ideal e idílico de um País virtual, que não tem qualquer correspondência com a crua realidade actual, mas que exposto desta forma, colhe a simpatia e o apoio militante do público ouvinte.

Quando se procedeu à reorganização dos Serviços de ORL na área de Coimbra, a Direcção do Colégio, alertou as entidades envolvidas para as implicações que tal medida poderia condicionar, chamando a atenção, exactamente para o programa de implantes cocleares, que tão excelentes resultados até aí vinha a obter. Porventura, o processo de construção dessa nova realidade hospitalar regional, contribuiu para que as

condições técnicas e financeiras que existiam nos dois hospitais como entidades autónomas, se tivessem alterado com a fusão numa única entidade hospitalar, conduzindo provavelmente a constrangimentos técnicos e financeiros, que até aí não eram aparentes, mas que com as alterações efectuadas, passaram a ser evidentes, com impacto nesta área tão sensível, como é a da implantação coclear.

Foi muito constrangedor, ouvir as explicações e os argumentos da Administração do CHUC, descartando responsabilidades, e pior do que isso, transmitindo na sua argumentação, uma informação subliminar de que os culpados disto tudo, eram como sempre e inevitavelmente, os médicos!

Conhecendo as restrições orçamentais que existiam, existem e vão continuar a existir, como é possível afirmar o que foi dito pelo Sr. Presidente do Conselho de Administração do CHUC. Com surpresa e incredulidade, ficamos a saber, que o seu Hospital não tem restrições orçamentais (!) principalmente no financiamento do programa de implantação coclear.

Será esta a verdade, ou o poder intimidatório do microfone e da camara televisiva, distorceu a realidade? Será que também, e por não haver restrições orçamentais, vai ser criado agora o cheque implante coclear bilateral?

Por fim, gostaria de questionar o editor do programa televisivo, que deveria prezar a informação esclarecendo o público ouvinte com rigor, perguntando-lhe se com toda a informação que foi passada, os pais das crianças com surdez, ficaram esclarecidos, e principalmente tranquilos, quando recorrerem com os seus filhos, à

consulta de surdez do CHUC que é neste momento, referência nacional nesta área.

E como ficou a confiança na relação entre médico e doente, indispensável ao êxito de qualquer acto médico, e que foi assim inevitavelmente abalada? Quando, e com que custo será reposta?

Vamos esperar atentamente para ver os futuros desenvolvimentos deste tema. No entanto, presumo que alguém saiu muito feliz, no fim deste programa televisivo, com risonhas perspectivas de um futuro muito mais promissor.

Se meditarmos um pouco, e desviarmos a nossa leitura das publicações científicas que habitualmente nos ocupam o nosso tempo, para outras de natureza económica, talvez aí encontremos a resposta.

Artur Condé

Presidente da Direcção do Colégio de Otorrinolaringologia